

Discursos Sobre a Masculinidade

Tornou-se quase consensual, no meio acadêmico, tomarmos as relações de gênero como algo central na vida social, uma vez que atuam como elemento fundamental na organização de nossas vidas e instituições. Juntamente com as questões de classe e raça, as relações de gênero compõem a tríade analítica que ajuda a esclarecer os mecanismos pelos quais poder e recursos são socialmente distribuídos. Mesmo assim, há que se reconhecer a existência de autores que colocam em questão a autonomia destas relações, tomando-as como derivativas de problemas mais ligados às questões sócio-econômicas¹.

Deve-se reconhecer que foi através do discurso feminista que as relações de gênero puderam obter relevância no debate acadêmico, já que, através de tal discurso, a tríade relacional masculino-feminino foi alcançada a uma posição de destaque no âmbito deste debate. Fornecendo esclarecimentos que lograram atingir resultados também fora da academia, o discurso feminista teve um importante papel para a alteração destas mesmas relações, na sociedade.

Mas, se por um lado as mulheres levantavam a temática destas relações como algo a ser pensado dentro e fora da academia, por outro, costumava-se tratar os homens como se eles não tivessem gênero. Kimmel e Messner sugerem que os mecanismos que possibilitam privilégios tornam-se invisíveis para aqueles que são por eles favorecidos. Assim, os homens brancos de classe média quando se olham no espelho se vêem como um ser humano universalmente generalizável. Eles não estão capacitados a enxergar como o gênero, a raça e a classe afetam suas experiências. Não é o que ocorre com os negros, pobres, mulheres, gays e todos os que de uma forma ou de outra vêem-se como "diferentes". O que torna os sujeitos marginais e/ou oprimidos são os mecanismos mais visíveis em nós, porque são os que nos causam dor em nossas vidas cotidianas².

¹ ZINN, Maxine Baca. Chicano Men and Masculinity. In: KIMMEL, Michael S., MESSNER, Michael A. (orgs.). *Men's Lives*. Boston: Allyn and Bacon, 1994, p. 33-41.

² KIMMEL, Michael S., MESSNER, Michael A. (orgs.). Op. cit., p. xiv-xv.

Conscientes ou não, tais encobrimentos ajudam a perpetuar as clivagens e, também, a legitimá-las como algo natural. O objetivo deste artigo é discutir algumas posições, intencionais ou não, tomadas no debate acadêmico sobre o tema, que integram, a nosso ver, o processo de visibilização do gênero masculino. Buscamos destacar aspectos das linhas discursivas desenvolvidas acerca do tema, para que possamos tornar mais esclarecedor o sentido possível que tal visibilidade nelas vai se delineando, bem como as suas possíveis consequências.

Discurso vitimário

Situando-se a partir de uma perspectiva específica, um certo discurso reelabora o gênero masculino a ponto de, ao final de sua tarefa, apresentar-nos o homem vítima. Esse discurso contrasta fortemente com outras perspectivas acerca do assunto (inclusive a do senso comum).

A caracterização dos discursos de tipo vitimário torna-se identificável a partir de aspectos óbvios, tais como a utilização de termos que expressam a condição masculina enquanto vítima de um conjunto de fatores sociais e psíquicos. Um autor que estuda o assunto, após esclarecer que desenvolveu sua pesquisa entrevistando um grupo de homens com idades entre 25 e 35 anos, justifica uma guinada em seu trabalho:

"A tentativa de sistematizar a maneira como os homens se viam, bem como de identificar o que eles imaginavam ser a expectativa social em relação a um homem, deixou de ser o foco central de minhas análises a partir do registro da elevação do nível de tensão e angústia quando falávamos sobre: o significado de ser homem; a relação com o pai; a maneira como desconsideravam suas emoções quando faziam suas escolhas profissionais e afetivas. Nos depoimentos havia solidão, sofrimento e uma tensão premente, difícil de ser identificada e assumida no cotidiano³."

Solidão, sofrimento, angústia, tensão premente, fragilidade, inseguranças, problemas de identidade, opressão através do processo de socialização, incapacidade para manifestação de sentimentos etc.. Constatamos que tais termos e expressões são uma recorrência freqüente nas falas, artigos, reportagens e outros meios de divulgação em que esta modalidade discursiva se manifesta. Algumas idéias sustentam este tipo de abordagem sobre a masculinidade. Uma pequena amostra de alguns artigos e livros dedicados ao assunto, nos permitirá, no entanto, justificar a classificação que atribuímos a tais discursos.

³ NOLASCO, Sócrates. *O Mito da Masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 11.

Antecedentes

⁴ CARRIGAN, Tim, CONNELL, Bob, LEE, John. Toward a New Sociology of Masculinity. *Theory and Society*, vol. 14, nº 5, September, 1985. p. 551-603.

⁵ O artigo de Carrigan, Connell e Lee cita vários outros livros publicados na década de 70 e que tratam do tema da masculinidade. Quanto aos livros citados, as referências bibliográficas são as seguintes: BEDNARIK, K.. *The Male in Crisis*. Nova Iorque: Knopf, 1970; KOMAROVSKY, M.. *Dilemmas of Masculinity*. Nova Iorque: Norton, 1976; TOLSON, A.. *The Limits of Masculinity*. Londres: Tavistock, 1977; GOLDBERG, H.. *The Hazards of Being Male*. Nova Iorque: Nash, 1976; FASSTEAU, M.. *The Male Machine*. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1974; MEAD, S.. *Free the Male Man!* Nova Iorque: Simon and Schuster, 1972.

⁶ CARRIGAN, Tim, CONNELL, Bob, LEE, John. Op. cit., p. 566.

Em um artigo de 1957, reveladoramente intitulado *The New Burdens of Masculinity*, Helen M. Hacker afirma que "a masculinidade é mais importante para os homens do que a feminilidade para as mulheres"⁴. Sem entrar, neste momento, na discussão da validade ou não destas afirmações, interessa-nos mostrar que as argumentações de caráter vitimário, feitas desde a década de 70 até hoje, já encontravam paralelos precursores no final dos anos 50. Será, no entanto, na década de 70 que teremos um verdadeiro *boom* de artigos e livros tematizando a questão e alguns títulos refletem o viés dado ao tema: *The Male in Crisis* (Bednarik, 1970), *Dilemmas of Masculinity* (Komarovsky, 1976), *The Limits of Masculinity* (Tolson, 1977), *The Hazards of Being Male* (Goldberg, 1976), *The Male Machine* (Fasteau, 1974), *Free the Male Man!* (Mead, 1972)⁵.

Estes autores, entre tantos mais, destacavam em seus trabalhos os vários aspectos problemáticos do fato de ser homem. Desde a questão da alienação no trabalho, burocracia na política e na guerra, comercialização da sexualidade solapando a masculinidade, contradição entre a imagem do macho hegemônico e a condição real de vida dos homens, até os conflitos oriundos de exigências paradoxais na construção da identidade masculina e que levavam a um sentimento de impotência. Dessa forma, vários foram os temas refletidos nesta linha de análise.

Resgatado das análises funcionalistas, o conceito de papel social masculino era o protagonista de muitas dessas análises. Para os vitimários, o papel determinado para o homem era muito restritivo e acabava por sufocar seu *self* íntimo. A solução proposta por alguns? "Freer thinking"⁶. O papel masculino, socialmente sancionado, era o grande vilão, pois mantinha a estressante masculinidade tradicional e, segundo alguns, apenas quando liberassem os homens de tal papel é que se poderia acabar com os desconfortos por ele criados.

Vale destacar que a combinação de conceitos tais como o de papel social masculino, oriundo da análise sociológica funcionalista e o de *self* íntimo, baseado em teorias psicológicas, possibilitava um tipo de construção teórica em que o *self* íntimo, ao requerer a satisfação de demandas emocionais, entrava em conflito com o papel masculino opressor, uma vez que este último obstruía a satisfação destas demandas ao buscar obedecer aos preceitos sociais que o sustentavam, ou seja, os preceitos machistas⁷. Este tipo de junção de conceitos, oriundos de disciplinas diferentes, configura uma guinada psicologizante, orientada para

⁷ Idem.

um tipo de argumentação que se constitui em terreno fértil para o desenvolvimento do discurso vitimário.

Além do conceito de papel social, recorria-se, em algumas análises, aos lugares comuns do marxismo, apontando-se a dinâmica social capitalista como a responsável pelo *status quo* e, portanto, pela relação de dominação dos homens em relação às mulheres, gays e outros. Para Tolson, por exemplo, a "cultura do trabalho" era ao mesmo tempo responsável pela constituição e pelo solapamento da masculinidade⁸. A psicologização e a recorrência à vulgata marxista, juntamente com a teoria dos papéis, tornaram-se os pontos de apoio fundamentais para o discurso vitimário.

Psicologização

As idéias de Nancy Chodorow em seu famoso *The Reproduction of Mothering*⁹ constitui um marco para as análises psicologizantes da masculinidade. Lançado em 1978, este livro inspirou uma série de pesquisadores que almejaram explicar não apenas como a divisão de trabalho das tarefas domésticas pode ser a pedra de toque para esclarecer muitas questões acerca da relação homem-mulher, mas também como tal divisão se mantém e pode, em última análise, ser a base para explicar outros processos de interação mais amplos. A idéia diretriz é relativamente simples. As mulheres, na posição de mães, são as primeiras pessoas que, mantendo contato frequente com os filhos, servem como base de referência para a identificação de meninos e meninas. Com o posterior desenvolvimento das crianças, existirão, de acordo com o sexo, diferentes consequências dessa primeira identificação. Os meninos terão que lutar para se desfazer dela e criar uma outra, completamente diferente. A nova identidade será frágil e tal fato acarretará uma personalidade com reduzida capacidade de relacionamentos, inseguranças e barreiras em torno do ego masculino. Como as meninas não terão que efetuar tal ruptura, o desenvolvimento da identidade feminina é mais natural e tranquilo, evitando maiores conflitos. Este fato favorece, também, o desenvolvimento, nas mulheres, de uma habilidade maior para se envolverem em relacionamentos íntimos, ao lado de outras capacidades referentes aos relacionamentos humanos, tais como compreensão, flexibilidade etc.. Entre outros, um dos resultados de todo este processo acaba sendo a necessidade dos homens de se sentirem superiores às mulheres, num estágio posterior de suas vidas.

Seguindo muito de perto esta argumentação, Pleck diz que o menino durante a infância é amplamen-

⁸ NOLASCO, Sócrates. Op. cit., p. 51.

⁹ CHODOROW, Nancy. *The Reproduction of Mothering*. Berkeley: University of California Press, 1978.

te dominado por figuras femininas (mães, professoras etc.), enfatizando mais a questão da dominação do que a da identificação. A dominação posterior que o menino buscará exercer sobre as mulheres funciona, de acordo com tal perspectiva, como uma reparação referente à dominação feminina da qual o homem adulto foi alvo durante a sua infância. A partir deste tipo de análise, o círculo vicioso se fecha, pois às mulheres dominadas pelos homens adultos restarão o cuidado das crianças e tarefas domésticas, o que, por sua vez, as levará a dominar os garotos que, ao crescerem, dominarão as outras mulheres, excluindo-as de muitos setores da vida social, num circuito que preservará a atual situação¹⁰.

Há autores que, entusiasmados pelo alcance explicativo das idéias de Chodorow, chegam a afirmar que esta teoria é sem dúvida a mais adequada para esclarecer não apenas a propensão masculina para a violência, mas também todas as formas de comportamento masculino indesejado, incluídos aí a dominação dos homens sobre as mulheres, sobre a natureza, a dinâmica que mantém o patriarcado, e até mesmo o racismo, pois “as relações raciais são mais um drama masculino em que o grupo de homens mais poderoso executa um projeto infantil de dominação do outro”, nas palavras de Sandra Harding¹¹.

A influência das idéias contidas em *The Reproduction of Mothering* é sentida em muitos outros autores. Houve quem afirmasse que os homens são inábeis para expressar emoções e ir ao encontro das necessidades de intimidade das mulheres. E também que os homens, ao negarem suas necessidades, se auto-constrangem, revelando dessa forma o medo da intimidade pessoal, pouco desenvolvimento emocional e um terrível isolamento e solidão¹². Em todas estas tentativas de explicação de fenômenos ditos típicos do gênero masculino observa-se uma passagem necessária pela dinâmica de relacionamento entre mãe e filho, legado indiscutível, direta ou indiretamente, dos postulados de Chodorow.

A questão da identificação primária dos meninos com suas mães embasa postulações inauditas. Lisak¹³, após realizar uma pesquisa sobre estupradores, discorre sobre o temor dos homens em serem reabsorvidos pelas mulheres. Este temor alia-se à necessidade de rejeição de tudo o que neles possa relacionar-se com a feminilidade. O estupro seria um caso particular desta aliança sinistra entre medo e ódio. O autor afirma que há dois tipos básicos de abordagem para a explicação do fenômeno. No primeiro, os estupradores são vistos como homens problemáticos em função da relação que mantiveram com suas mães. Assim, muitas vezes a mãe,

¹⁰ PLECK, Joseph. Men's Power with Women, Other Men, and Society: a men's movement analysis. In: KIMMEL, Michael S., MESSNER, Michael A. (orgs.). Op. cit., p. 5-12.

¹¹ McMAHON, Anthony. Male Readings of Feminist Theory: the psychologization of sexual politics in the masculinity literature. *Theory and Society*, vol. 22, nº. 5, October, 1993, p. 678.

¹² Idem, p. 677.

¹³ LISAK, David. Sexual Aggression, Masculinity, and Fathers. *Signs*, vol. 16, nº.2, Winter, 1991.

por ser dominadora (ou castradora, ou fria), acabava por favorecer o surgimento de distúrbios psíquicos em seus filhos, responsáveis, no futuro, por atitudes agressivas em relação às mulheres. Outra abordagem focaliza os aspectos culturais, vendo o estupro como a "performatização" de uma estrutura de gênero, onde a mulher é algo a ser dominado e descartado. Neste sentido, os casos de estupro seriam momentos encenados de uma estrutura que legitima e fomenta, na psique individual, este tipo de atitude. A explicação para o estupro, acredita Lisak, deve emergir de uma síntese destas duas abordagens.

Para Kaufman¹⁴, no estupro revela-se a ambigüidade da relação entre homem e mulher. Ao mesmo tempo em que expressa seu poder sobre as mulheres ao violentá-las, o homem revela também, paradoxalmente, suas fragilidades e inseguranças, típicas da artificialidade e precariedade da masculinidade. Um estudo com estupradores sentenciados busca demonstrar que os indivíduos que cometem tal ato de violência têm uma vida emocional empobrecida (exceto no que diz respeito ao ódio), e também de profundas dúvidas acerca de suas competências e adequações como pessoas. Nos indivíduos com mais problemas de segurança pessoal e de auto-imagem, a violência pode se tornar comum, assumindo formas trágicas, explicitando-se como expressão da fragilidade masculina. Para esses autores, a força é sempre uma máscara para a insegurança e a fragilidade masculinas.

A partir destas idéias, abre-se um caminho para que se trilhe uma diferente abordagem acerca da masculinidade. O homem já havia sido alvo de desqualificações durante o apogeu do movimento feminista, mas agora a desqualificação torna-se diferente. A abordagem de cunho psicológico acaba facilitando a assunção de uma efetiva inversão da crença popular, reclassificando o homem como sendo o verdadeiro "sexo frágil". Para sustentar tal inversão, muitos buscam apoio nas estatísticas e em outros dados concretos:

"As estatísticas apontam que, na América do Norte, 85% da violência criminal é produzida por homens. Problemas com álcool e drogas: quatro homens para cada mulher. Na escola primária, quatro meninos para cada menina têm problemas de aprendizado; há também problemas de hiperatividade, hiperansiedade, incontinência noturna, dislexia; e outros mais graves, como esquizofrenia e autismo, que são encontrados com maior freqüência entre homens do que mulheres. Assim, essas estatísticas falam da imensa fragilidade da identidade masculina, problema totalmente mascarado, pois nessa sociedade são os homens que detêm o poder"¹⁵.

¹⁴ KAUFMAN, Michael. *The Construction of Masculinity and the Triad of Men's Violence*. In: KIMMEL, Michael S.; MESSNER, Michael A. (orgs.). Op. cit., p. 13-25.

¹⁵ CORNEAU, Guy. Paternidade e Masculinidade. In: NOLASCO, Sócrates (org.). *A Desconstrução do Masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, p. 44-45.

Nesta linha de argumentação, a fragilidade masculina é um fato paradoxalmente demonstrado em situações onde a dominação se expressa. E não apenas no caso do estupro, mas também em todas as outras esferas onde o poder do homem se manifesta.

"Quanto maior for a insegurança interior, mais se forma a rigidez e a carapaça exterior. Pode-se fazer musculação, tornar-se um grande esteta, ter opiniões sociopolíticas categóricas - há muitas maneiras de provar aos outros que se é viril. Mas é uma prisão, uma casca, em que toda a nossa sensibilidade de homem está enclausurada. Todos os problemas relacionados à carreira, ao poder e ao dever vêm dessa insegurança, dessa fragilidade da identidade masculina"¹⁶.

Kaufman nos diz, por exemplo, que a construção do ego masculino faz-se sobre uma estrutura de violência internalizada, ou seja, o homem não apenas transforma a mulher em objeto de sua violência, mas é vítima de si próprio. Na mesma linha de raciocínio temos até frases com pretensões poéticas: "um menino é educado nas precariedades de um cárcere, para quando crescer se tornar seu próprio carrasco"¹⁷.

Na violência internalizada combate-se tudo o que se relaciona com a passividade e a fraqueza. Assim o homem oblitera a expressão de suas emoções e transforma-se numa verdadeira "panela de pressão"¹⁸, onde o amplo espectro de emoções não descarregadas transfigura-se em ódio e outros sintomas físicos e psíquicos, o que explicaria as estatísticas sobre doenças e males somáticos referidas. Por sua vez, uma maior tensão física e emocional leva a uma maior somatização de problemas e, consequentemente, a uma maior taxa de mortalidade.

Se, por um lado, a masculinidade é poder, por outro é terrivelmente frágil, pois não existe como pensamos: uma realidade biológica, uma fortaleza indestrutível. Ela é "de papel", existe apenas como comportamento prescrito, mais desejável, segundo expectativas socialmente formuladas, do que efetivamente realizada¹⁹.

Capitalismo e papéis masculinos

Ainda que haja sociólogos e não apenas socio-biólogos preocupados com os efeitos da testosterona na configuração do gênero masculino²⁰, torna-se relevante, na maior parte dos estudos sobre a masculinidade, o levantamento de aspectos culturais e históricos que possam fundamentar as postulações aí propostas, e isto é válido inclusive para os autores com formação acadêmica diferente dos cientistas sociais, como é o caso dos psicólogos.

¹⁶ Idem, p. 48.

¹⁷ NOLASCO, Sócrates. *O Mito da Masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 47.

¹⁸ KAUFMAN, Michael. Op. cit., p. 21.

¹⁹ Idem, p. 16.

²⁰ STACEY, Judith. Toward Kinder, Gentler Uses for Testosterone. *Theory and Society*, vol. 22, nº. 5, October, 1993.

A associação entre capitalismo e masculinidade é evidenciada em inúmeras argumentações e para alguns a estrutura do mercado anda de mãos dadas com o **masculinismo**. Há quem veja os privilégios relativos que o homem obtém do sexismo como um elemento crucial para favorecer a subordinação dos homens, em geral, em uma perspectiva mais ampla²¹. Kaufman, por exemplo, efetua um casamento entre argumentação de cunho psicológico e explicações de caráter sociológico. Baseando-se em Marcuse, ele nos fala de uma “repressão excedente” de nossos desejos emocionais e sexuais como sendo a fonte de violência e da dominação que o homem exerce sobre os outros homens, as mulheres e si próprio²². Na civilização burguesa, a violência propõe-se como racionalidade econômica, enquanto alguns de nós somos transformados em extensões de máquinas e outros têm seus cérebros destacados de seus corpos, através do processo de especialização típico do capitalismo. Nossas cidades e nosso cotidiano são formas institucionalizadas de violência codificada em estruturas físicas e relações sócio-econômicas determinadas²³. A violência de nossa ordem social nutre uma psicologia da violência, que por sua vez reforça as estruturas social, econômica e política da violência.

Da safra nacional já temos argumentações de cunho semelhante. Nolasco apoia-se no argumento já citado de Tolson, segundo o qual o trabalho ao mesmo tempo que constitui também solapa a masculinidade. Mas não só a dialética é relembrada, a alienação também, já que o processo de trabalho nas sociedades capitalistas leva os homens a estranharem a si próprios e a tudo aquilo que produzem. Visto o trabalho como tensão ou como mergulho no vazio, o arremate não poderia ser menos trágico: “o trabalho tem sido utilizado pelos homens para reduzir a visão crítica sobre eles mesmos, reproduzir os valores patriarcais, alimentar as disputas e os jogos de poder”²⁴.

Na maioria das vezes, os autores que adotam a perspectiva vítima, ao buscarem as razões de ordem social para justificar a situação de vítima do homem, recorrem às agruras do capitalismo e àquelas próprias do papel social masculino, incansavelmente apontadas.

No mundo masculino cria-se uma rede de vigilância onde os homens têm poder sobre os outros homens, mas não sobre si próprios. E o papel masculino tem uma importância fundamental nesse processo²⁵.

Mesclando psicologização com a dinâmica dos papéis, Kaufman²⁶ afirma que um garoto torna-se a corporificação das relações de violência. Para ele, aos cinco ou seis anos as bases da masculinidade, que

²¹ PLECK, Joseph. Op. cit., p. 12.

²² KAUFMAN, Michael. Op. cit., p. 13.

²³ Idem, p. 14.

²⁴ NOLASCO, Sócrates. *O Mito da Masculinidade*. Rocco: Rio de Janeiro, 1993, p. 56.

²⁵ PLECK, Joseph. Op. cit., p. 10.

²⁶ KAUFMAN, Michael. Op. cit., p. 13-25.

serão adotadas para toda a vida, já estarão estabelecidas. A masculinidade, formulada de acordo com o papel que lhe corresponde, estará inconscientemente arraigada até os seis anos de idade e será reforçada enquanto a criança se desenvolve, explodindo durante a adolescência, quando então obtém sua forma definitiva no indivíduo.

Mas o que vem a ser o papel masculino? Harrison, Chin e Ficarrotto²⁷, apoiando-se em Branom, procuram responder a esta pergunta e destacam quatro necessidades que caracterizam o núcleo do papel masculino, nas sociedades ocidentais contemporâneas: 1) a necessidade de ser diferente das mulheres; 2) a necessidade de ser superior aos demais; 3) a necessidade de ser independente e auto-confiante; e 4) a necessidade de ser mais poderoso do que os outros, através da violência, se necessário. Tais necessidades, segundo os autores, são incompatíveis com as demandas emocionais típicas de qualquer ser humano e pode estar aí a chave que talvez possibilite explicar a somatização de problemas, causa-dora de tantas mazelas físicas. Exemplos: beber e fumar, para parecer mais auto-suficiente, autônomo, arrojado, sofisticado e superior, levam a um maior número de mortes por câncer, cirrose hepática etc.; acidentes de todo o tipo (automobilísticos, principalmente) que são, muitas vezes, frutos de exibição e/ou de violência. O resultado: expectativa de vida menor para os homens. Os meninos, em função do papel prescrito, são mais exigidos e desenvolvem mais problemas e inadequações diversas (dislexia, esquizofrenia, incontinência noturna etc.).

Nolasco²⁸ também elege o papel masculino como o grande responsável pela "situação precária" da masculinidade. Para ele os homens obedecem cegamente a um modelo de comportamento que restringe suas subjetividades, reduzindo-os a um vazio próprio da estereótipia e trazendo angústias e tensões com as quais eles têm que conviver continuamente. Segundo o autor, é necessária uma humanização deste papel social, portanto, um novo modelo de comportamento deve ser buscado, ainda que isto não seja tarefa fácil. Sua "terapêutica" prescreve que o novo modelo deve, antes de tudo, incluir uma diferença em relação ao atual.

"A diferença se situa no reconhecimento cada vez maior de atributos subjetivos como determinantes do comportamento, e no endosso de características psicológicas como relevantes à caracterização de uma outra dinâmica subjetiva que se apoia no conceito de inconsciente. Esta contribuição trazida pela psicanálise passa(rá) a ser incorporada pelos homens que estão à procura deste "novo" modelo, na medida em que

²⁷ CHIN, James, FICARROTO, Thomas, HARRISON, James. Warning: Masculinity May Be Dangerous to Your Health. In: KIMMEL, Michael S., MESSNER, Michael A. (orgs.). Op. cit., p. 237-249.

²⁸ NOLASCO, Sócrates. Op. cit., p. 18-19.

(discutirão) os aspectos inerentes à dor e ao prazer como decorrentes da própria organização subjetiva dos indivíduos²⁹.

Em outro texto mais recente, ele diz que a crise de identidade pela qual passa o homem contemporâneo se deve, em parte, à crise do individualismo, tão decantada por autores “pós-modernos”, mas ele não abandona o papel social masculino e o processo de socialização, tipicamente capitalista, como vilões.

“As exigências viris, de posse e poder, bem como ser assertivo e competitivo sexualmente, mantêm os homens presos à questão do desempenho. Os padrões de comportamentos que os qualificam como homens se aproximam dos exigidos para máquinas. Enquanto identificados como **homem máquina**, estes indivíduos ficam impossibilitados de problematizar a maneira como socialmente tornaram-se homens.(...) Ao longo da vida, um homem passará por experiências que lhe ensinarão o que significa desempenhar o papel masculino. Desde criança, ele é estimulado a se afastar de suas “experiências interiores”, ao mesmo tempo em que é pressionado a obter o melhor desempenho no que faz³⁰. ”

A adoção de esquemas argumentativos que buscam relacionar dinâmicas típicas da civilização capitalista com uma nova posição do gênero masculino, identificada através do papel de vítima para o homem, torna-se um recurso utilizado *ad nauseam* por estes autores. Há, no entanto, a contra-ofensiva para esta argumentação, questionando detalhes óbvios, porém cruciais.

Discurso crítico

Alguns autores desenvolveram análises acerca da masculinidade com uma perspectiva diferenciada da que vimos anteriormente, ou seja, não tratam o homem como vítima da sua condição de gênero. Preferem atentar para a dinâmica das relações e a estrutura de poder que as fundamenta. Nesta perspectiva o homem está muito distante da condição de vítima.

Poder-se-lá dizer que esta linha discursiva é herdeira do legado feminista, mas há que se destacar algumas diferenças fundamentais. Trata-se aqui de discutir a problemática masculina com todas as suas questões específicas e que na pena feminista só apareciam quando esclareciam aspectos da condição das mulheres. É o inverso o que se pode perceber no discurso crítico acerca da masculinidade, onde questões, como por exemplo, a “homossexualidade” masculina, são discutidas por vários autores, dentro de uma perspectiva crítica. Outra diferença: enquanto no feminismo

²⁹ Idem, p. 31.

³⁰NOLASCO, Sócrates (org.).
A Desconstrução do Masculino. Rocco: Rio de Janeiro, 1995, p. 21-22.

as análises foram e são desenvolvidas por mulheres, no discurso crítico percebe-se uma maior participação dos homens no debate sobre o tema. Não se trata, no entanto, de separar os estudos, mas sim de nuanciar características e destacar os enfoques diferenciados existentes entre as disciplinas de estudos. Também não se trata de reivindicar uma diferença essencialista que, em última análise, trabalha subrepticiamente para legitimar o *status quo*, e sim verificar como as abordagens da masculinidade podem acrescentar dados novos sobre as relações de gênero que o feminismo até aqui não aventou, ou se o fez, assim procedeu destacando alguns aspectos e negligenciando outros (sina de qualquer análise, mesmo as mais laboriosas e empenhadas). Os estudos feministas focalizam, naturalmente, a problemática das mulheres em primeiro plano, e ainda que teorizem acerca de aspectos da masculinidade esta não é uma referência inevitavelmente primordial.

Aos discursos sobre a masculinidade que não se restringem a recolher explicações sobre as mazelas da condição masculina, mas, antes, criticam esta perspectiva, além de acrescentar à discussão outros aspectos da masculinidade contemporânea, atribuímos o nome de críticos. Nos tópicos seguintes, destacaremos algumas características deste tipo discursivo.

Criticas ao psicologismo

Se por um lado as teorias de Chodorow abriram um vasto campo de análises psicologizantes sobre a condição masculina, por outro não deixaram de suscitar críticas contundentes. Para McMahon, por exemplo, este tipo de análise traz enormes desserviços quando pensamos na possibilidade de transformação das estruturas de poder existentes, do ponto de vista das relações de gênero, pois, se tomássemos como confirmados tais postulados, os homens poderiam aproveitar os benefícios da dominação masculina de uma forma mais tranquilla, já que, para eles, esta situação seria explicável por forças externas, pela natureza ou convenção, ou mesmo até, pelo próprio comportamento feminino³¹.

Houve quem dissesse que os problemas típicos da condição masculina (como, por exemplo, incapacidade de adaptação a um envolvimento emocional, ou de expressão dos sentimentos) só seriam resolvidos quando os homens quebrassem o monopólio que as mães detêm sobre os cuidados com as crianças. Esta é, por exemplo, uma das propostas de Haddad em um artigo com o sugestivo título: *Men Must Break the Female Monopoly Over Childrearing*³².

³¹ McMAHON, Anthony. Op. cit., p. 687.

³² Idem, p. 680.

A idéia de que homens são incapacitados para expressar suas emoções chega a ser motivo para observações sarcásticas. Messner diz que os homens podem aprender a ser situacionalmente expressivos quando administram as instituições das quais eles obtêm o direito de exercer poder sobre os outros e cita, de modo jocoso, a declaração de uma deputada americana, integrante do comitê das forças armadas do congresso americano. Ela, segundo os próprios relatos, em visitas regulares às bases militares para avaliar suas necessidades, ouvia dos generais e almirantes, de maneira privada, a declaração de que a "necessidade número um" destes oficiais era conseguir oportunidades para cuidar de suas crianças. Messner comenta que, quando estes mesmos generais e almirantes recorriam ao Congresso, as necessidades informadas eram navios, aviões, tanques e sistemas bélicos. Cuidado com as crianças desaparecia da lista³³.

³³ MESSNER, Michael A.. *Changing Men and Feminist Politics in the United States. Theory and Society*, vol. 22, nº 5, October, 1993, p. 723-737.

Do ponto de vista vitimário, o que poderia ser visto como independência é percebido como incapacidade de reconhecer a dependência. As expressões de força, através dos atos de violência, são tomadas como máscaras para a fragilidade e insegurança, operando-se uma inversão que transforma o réu em vítima. Isto nos faz lembrar da piada do garoto que comete parricídio e na frente do juiz pede clemência por estar órfão.

Críticas à culpabilidade dos papéis sociais

Sabemos que a teoria sobre os papéis sociais foi fruto da investigação funcionalista. Para seus autores (Parsons, à frente), as questões de gênero estão diretamente ligadas ao contexto dos problemas familiares. Assim, outras dimensões da questão ficam, de saída, excluídas da análise. Os herdeiros deste legado funcionalista se ressentem de um problema crucial, que também já estava inscrito na própria teoria: pouca atenção é dada às relações de poder entre homens e mulheres (mesmo dentro do núcleo familiar).

Parte da literatura sobre o papel masculino nos anos 70 dizia que ser um macho, nos moldes tradicionais, só trazia malefícios aos homens, pois eles eram conduzidos a coisas desagradáveis, tais como: agressão, guerra, destruição; além disso, trazia também todo o desconforto da sobrecarga de se ter que provar, a todo instante, a condição de macho. As análises, como vimos, apontavam o grande culpado, que não era o macho, mas o papel de macho³⁴. Uma minoria apontava a biologia como fonte explicativa para os papéis (hoje esta minoria atende pelo nome de sociobiólogos). A maioria indicava, no entanto, os condicionamentos

³⁴ CARRIGAN, Tim, CONNELL Bob, LEE, John. Op. cit., p. 564.

sociais como os grandes formuladores dos papéis de gênero. O homem instrumental, responsabilizado pela política e pela economia, juntamente com a mulher expressiva (conceitos da sociologia funcionalista), encarregada dos cuidados da casa e da assistência à prole seriam fruto dos estereótipos veiculados pela mídia, cinema e artes em geral (romance, letras de música, revistas, escultura etc.), reforçados pelo processo de socialização na família e na escola. Nestes estereótipos forjava-se uma imagem masculina associada à autonomia, autoconfiança, liderança, agressividade, força, aventura, arrogância, poder de decisão, capacidade de domínio, assertividade, rusticidade, orientação para realização etc.. Já as mulheres tinham associadas às suas imagens capacidades sentimentais, emotivas, compreensivas, docilidade, dependência e submissão, além de estarem orientadas para a maternidade³⁵.

³⁵ JABLONSKI, Bernardo. A Difícil Extinção do Boçalossauro. In: NOLASCO, Sócrates (org.). *A Desconstrução do Masculino*. Op. cit., p. 156-165.

Toda a atenção neste tipo de literatura volta-se para a questão do papel masculino, o grande vilão. Quando muito, as relações de poder são aí tomadas como derivadas deste mesmo papel. Esta situação ilustra um aspecto fundamental da produção teórica em ciências sociais. Quando se parte de um pressuposto conceitual elaborado a partir de paradigmas teóricos afeiçoados a certas perspectivas tais como o funcionalismo (formulador de conceitos que buscam enxergar a questão da integridade e da funcionalidade da dinâmica social e nunca a questão do conflito), herda-se mais do que, muitas vezes, se gostaria. No caso em questão, oblitera-se a estrutura de poder, os comportamentos específicos que, independentemente dos papéis, procuram reproduzir situações onde as clivagens favorecem a legitimação de situações iniquas.

Dizer também que a culpa é do sistema capitalista, das relações de trabalho, da célula familiar e do sistema de ensino que ele engendra é um convite a não reconhecer nas dinâmicas de interação cotidianas as condições de manutenção desta mesma estrutura. Cai-se em uma armadilha que se pode resumir da seguinte forma: se a culpa é do sistema, nada pode ser feito enquanto ele não for alterado, assim eu me eximo de responsabilidades no que diz respeito à minha prática cotidiana, já que sou mero joguete neste sistema demoníaco. Kaufman, por exemplo, propõe ações concretas que podem auxiliar em uma mudança nas relações de gênero e que não dependem de alterações no sistema social, ainda que possam ter consequências além das intencionadas: apoio a todo tipo de manifestação contra a violência de homens sobre mulheres e gays, apoio à implementação de campanhas educativas contra o estupro e o assédio sexual, e

liberdade para as mulheres de dispor de seus próprios corpos, luta pela inclusão de cláusulas sobre assédio sexual nos contratos coletivos de trabalho e fim das iniquidades explicitadas em remuneração diferenciada; manifestação de opiniões contrárias ao abuso sexual de menores e também recusa em colaborar com o sexism de nossos colegas e amigos³⁶. No Brasil, outras sugestões talvez fossem mais adequadas; no entanto, às vezes, trabalhando contra as nossas próprias intenções explícitas, nossas práticas podem estar jogando gasolina nesta fogueira ao buscar apagá-la. E, assim, o óbvio em muitas situações deixa de ser percebido, pois mira-se no sistema, na estrutura capitalista intangível, no mercado devorador da humanidade e, portanto, nada há para ser feito.

Masculinidade hegemônica

Para conseguir dar conta da dinâmica de poder inscrita nas relações de gênero, há autores que lançam mão de conceitos alternativos ao de papel social. O conceito de masculinidade hegemônica é um deles.

Carrigan, Connell e Lee³⁷ afirmam que a masculinidade hegemônica representa a estrutura de poder das relações sexuais, buscando excluir qualquer variação de comportamento masculino que não se adeque a seus preceitos. Nesta empreitada subjaz um processo de luta contínuo que envolve mobilização, marginalização, contestação, resistência e subordinação das modalidades de ser masculino não sancionadas pela matriz hegemônica. Apesar de não estar separada da dinâmica global do capitalismo, esta luta tem seu ritmo e variáveis próprios que muitas vezes ultrapassam os discursos da esquerda e da economia e se imiscui no âmbito da cultura de uma forma complexa. Centrada no patriarcalismo e no heterossexualismo, ajuda a construir tipos subordinados de masculinidade, tais como a masculinidade homossexual que lhe serve de contraponto e anti-paradigma.

A manutenção da masculinidade hegemônica não pode ser pensada como elaboração orquestrada e consciente de um grupo de homens nela interessados³⁸. Trata-se antes de uma complexa trama de situações e condições que a favorecem mais ou menos, dependendo das circunstâncias. Este tipo de análise enfatiza a idéia de que as estruturas de poder não podem ser tomadas como definitivamente estabelecidas, mas sim como ajustadas a uma dinâmica na qual a busca de sua legitimação e o auto-velamento de suas características históricas procura fixá-las como coisas naturais e eternas, de tal forma que se tornem a-históricas. Apenas como exemplo podemos citar a construção de um

³⁶ KAUFMAN, Michael. Op. cit., p. 22.

³⁷ Op. cit., p. 589.

³⁸ Houve quem apontasse aqui influências da sociologia de Pierre Bourdieu. Quero acreditar, no entanto, que se deve mais a leituras de algumas entrevistas de Michel Foucault.

certo discurso médico e científico do século passado que estabeleceu um “perfil psicológico” comum a todos aqueles que se convencionou chamar de homossexuais. Tal convenção contou com diversos auxílios discursivos: além dos discursos médico, jurídico e científico da época temos também os discursos morais e religiosos. Tais discursos modelam hoje nossas idéias “aparentemente espontâneas e intuitivas sobre o que ‘é um homossexual’ ” e, segundo um eminent autor, tais idéias “não passam de decantações imaginárias de um estereótipo humano, inventado para funcionar como antinorma do ideal de conduta sexual masculina (hegemônica) adequado à formação da família burguesa”³⁹.

Não se pode, no entanto, perder de vista a eficácia do estereótipo construído e/ou mantido pelas diversas instâncias de representação simbólicas da sociedade, através de seus produtos e veículos: mitos, narrativas, *slogans*, ideais, caricaturas etc. Todo este conjunto de elementos simbólicos auxilia na modelação da própria “face social”, constituindo indivíduos à sua imagem e semelhança para que eles possam reproduzir a própria sociedade que os fabrica.

Assim, seria um grande equívoco não considerar que na maior parte das vezes a vítima auxilia o carrasco, isto é, os grupos que sofrem opressão (mulheres e gays) em função da hegemonia dos preceitos de um certo tipo de masculinidade cultivam-na aberta ou veladamente.

Carrigan, Connell e Lee⁴⁰ dizem que, apesar de ser própria a apenas um pequeno grupo concreto, a masculinidade hegemônica é sustentada e mantida por um amplo segmento da população masculina em função da gratificação fantasiosa de fazer parte do poder que ela proporciona, além, é claro, dos motivos concretos, tal como poder retirar daí benefícios (melhores salários e postos, por exemplo) através da dominação institucionalizada masculina em relação às mulheres. Acrescentaríamos também que, no nosso modo de entender, a sustentação fantasiosa da superioridade que a masculinidade hegemônica atribui aos homens pode estar na raiz de justificativas imaginárias que hordas de jovens vândalos, desajustados e violentos emprestam aos seus atos irrefletidos. Juntam-se a estes outros indivíduos despreparados, que ocupam postos perigosos na complexa trama da microfísica dos poderes, tal como vigias e policiais desequilibrados, para não citarmos alguns inconvenientes motoristas de táxi, torcedores de futebol e todos os demais chauvinistas de plantão.

Esta gratificação fantasiosa de que nos falam Carrigan, Connell e Lee pode também estar na base de

³⁹ COSTA, Jurandir F.. *A Inocência e o Vício*. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, 1992, p. 12.

⁴⁰ Op. cit., p. 592.

sustentação que boa parte das mulheres concede a tal hegemonia: "trato meu marido como rei para não perder a minha posição de rainha", comentário que ratifica a opinião de que a maior parte das mulheres "ainda prefere a convivência com um poderoso provedor/protetor" (o "boçalossauro" de Jablonski⁴¹) e, portanto, prefere cultuar a imagem deste macho chauvinista, para a frustração das feministas engajadas e de todos aqueles que têm consciência ou sofrem as conseqüências da opressão advinda do comportamento deste tipo masculino valorizado pela maioria, e execrado pelas minorias conscientes de seu comportamento nefasto.

Dilemas de uma masculinidade subordinada

Nem a variante da masculinidade subordinada representada pelos gays escapa da contribuição para legitimar a hegemonia de uma masculinidade que os subordina e que os coloca em posição inferior inclusive à das mulheres. Por um lado, temos o comportamento de alguns gays efeminados intitulado *camp*, que corresponde à adoção de comportamentos (modo de falar, vestimenta etc.) bastante próximos aos comportamentos femininos e que em sua versão atual mais radical estão representados pelo fenômeno das *drag queens*: gays que se vestem de mulheres e se divertem ou trabalham em clubes dançantes noturnos dos grandes centros e que, diferentemente dos travestis e transexuais, não usam silicone ou hormônios femininos, nem ganham a vida prostituindo-se. Há quem acredite que o *camp* é uma reação ao domínio opressivo da 'heterossexualidade' pela exacerbação dos estereótipos. Algo assim como o teatro de Brecht, onde o excesso denuncia a ilusão. Na cultura *camp*, os homens são ridicularizados enquanto machões ("bofes") e as mulheres na figura da "boneca" ou da "bicha louca". Defende-se o *camp*, também, como sendo um comportamento afetado pelo qual os gays revelam uma empática observação das mulheres e dos interesses femininos, pois, ao ridicularizarem o papel da mulher submissa ou ainda daquelas que se prostituem, ou mesmo das mulheres fatais, perucas e ninfomaníacas, caricaturadas na representação *camp*, teríamos a denúncia de que, na perspectiva masculina, as mulheres são sempre tomadas como puros objetos sexuais. Tal comportamento funcionaria como um comentário sobre a condição gay e também sobre a condição feminina, ambos oprimidos e vítimas de um sexismo imperante⁴². Mas uma observação mais atenta destrói este quadro de avaliação positiva.

⁴¹ JABLONSKI, Bernardo. Op. cit., p. 157-161.

⁴² KLEINBERG, Seymour. The New Masculinity of Gay Men, and Beyond. In: KIMMEL, Michael S., MESSNER, Michael A. (orgs.). *Men's Lives*. Op. cit., p. 45-57.

"Parece-me plausível supor que todos esses homens continuam presos ao ideal da conjugalidade que os marginaliza. Gostariam de tornar a parceria homoerótica um *Ersatz* do vínculo heterossexual, mas, não podendo, contentam-se com o simulacro. Na paródia, em geral, falta o contrapeso positivo da afirmação de valores próprios. Os atores não se esforçam em criar um vocábulo novo, adaptado a suas aspirações afetivo-sexuais; repetem o que já existe, em falsete. Assim, tendem a reforçar cada vez mais o que o preconceito quer ver: o 'homossexual' é um bufão da natureza; um bobo da corte, em meio à 'nobreza heterossexual'. Ao contrário de certos setores da subcultura gay, onde o código *camp* é um item de menor importância, ou da cultura das minorias étnicas ou raciais, a cultura *camp*, como hábito irrefletido, parece enredada e submissa aos ideais morais que fazem do homoerótismo uma 'aberração'⁴³."

⁴³ COSTA, Jurandir F. Op. cit., p. 95-96.

Endossando estas observações, acreditamos que o *camp* representa a intenção dos valores hegemônicos em quem o cultua já que mantém-se aí a dualidade macho-fêmea, isto é, consagra a prescrição heterossexual: em uma relação sexual "normal" há que se ter sempre um macho e uma fêmea ou alguém que, tal qual um simulacro (inspirador de comiseração), assuma o papel da fêmea. O desafio de uma relação entre parceiros do mesmo sexo sequer é aventado. O que fica é a "bicha louca", alvo de chacotas e símbolo antiparadigmático visível para todos aqueles que se arriscarem a transgredir a prescrição comportamental da masculinidade hegemônica.

No extremo oposto temos os gays masculinizados que cada vez mais cultuam os modelos masculinos típicos, representados por tipos caricaturais, tais como cowboys, mecânicos, operários e a mais nova sensação: musculosos fisioculturistas.

Kleinberg nos diz que o culto à violência e à agressividade é algo crescente dentro da comunidade gay americana. Nas salas de condicionamento a busca do corpo perfeito coincide com a busca de valores masculinos, e estes, em última análise, representam a busca dos valores da sociedade *straight* que os tiraniza. A tensão entre este estilo agressivo e o conteúdo da vida dos que o perseguem é aliviada através de drogas e libertinagem sexual. A incongruência ao imitarem os opressores mostra sua face trágica ao se transformar em cegueira para os valores cultivados de forma irrefletida, o que só poderá resultar em contínuo auto-desprezo, em função da distância entre estes valores e a realidade vivenciada pelos gays que o cultuam. Quanto maior o culto à masculinidade hegemônica, maior será o

⁴⁴KLEINBERG, Seymour. Op. cit., p. 47.

⁴⁵DONALDSON, Mike. What is Hegemonic Masculinity? *Theory and Society*, vol. 22, nº. 5, October, 1993, p. 643-657.

destrutivo sentimento de auto-desprezo⁴⁴. O fascínio e a sedução que a masculinidade hegemônica exerce sobre os gays pode ser a explicação mais fácil para esta tentativa de adequação que os gays empreendem, atualmente, em direção aos estereótipos masculinos⁴⁵. Isto, no entanto, pode lhes trazer mais desapontamentos do que são capazes de imaginar, sem sequer passar perto da solução de problemas como a solidão, frustração no amor e a estigmatização, entre outros.

A dificuldade maior talvez seja o estabelecimento não apenas de um vocabulário novo e desvinculado dos preconceitos arraigados (uma das sugestões de Jurandir Freire Costa), mas também de padrões congruentes de comportamento que valorizem suas diferenças sem transformá-los em figuras bizarras, apenas dignas do desprezo ou comiseração, e nem tampouco transformá-los em cegos cultuadores do modelo da masculinidade hegemônica.

Um novo homem?

É inegável que o feminismo veio abalar a idéia de uma masculinidade admitida como natural e, assim, abriu caminho para o seu questionamento histórico. O discurso feminista, aliado a outros fatores estruturais tais como as rápidas mudanças tecnológicas e consequentes alterações nas relações de sociabilidade em todas as instituições, provocou a necessidade de uma reflexão por parte dos homens sobre seus comportamentos e posicionamento diante das relações sociais. Inaugurou-se, então, um processo de indagação acerca do comportamento masculino tradicional, destacando sua inadequação e ineficácia no mundo contemporâneo. Tais questionamentos se refletiram na atenção especial dedicada a estes temas na literatura sobre masculinidade que desabrochou nos anos 70, época de grande efervescência do movimento feminista.

Atualmente, a preocupação com um novo paradigma para o comportamento masculino virou lugar comum para os autores que classificamos como vitimários. Muitos são os que consagram suas análises com uma descrição do novo homem que estaria emergindo. Para estes autores, "o modelo 'antigo' continua como o pano de fundo sobre o qual se projeta o 'novo', com mudança no papel dos atores"⁴⁶ (sempre a questão dos "papelés"). Isto faz com que se pense em dois tipos básicos de comportamentos: um emergente, que é considerado próprio do "novo homem" e baseia-se na capacidade de expressividade emocional, e o do homem tradicional, inexpressivo e hipermasculino⁴⁷.

Os críticos mais incisivos deste tipo de formulação

⁴⁶NOLASCO, Sócrates. *O Mito da Masculinidade*. Op. cit., p. 173.

⁴⁷MESSNER, Michael A.. Op. cit., p. 723-724.

dizem que os autores que proclamam a chegada do "novo homem" são os mesmos que não dão a devida atenção às questões relativas à dominação dos homens sobre os segmentos a eles subordinados e que, no fundo, almejam apenas a uma flexibilização dos papéis para uma consequente diminuição dos "fardos da masculinidade", sem alteração na dinâmica do poder. A insistência dos críticos recai na necessidade de se discutir as formas de dominação que ainda vicejam nas relações de gênero e não teorizar sobre a docilidade aprazível do novo homem e a truculência deselegante do tradicional⁴⁸.

Questiona-se, com muita pertinência, se as talas alterações alardeadas por muitos cientistas sociais no comportamento masculino não seriam apenas mudanças de estilo, restritas a um segmento de classe média, sem alterações efetivas e substanciais no contexto das relações de poder que permeiam as relações de gênero. Não se trata de questionar as mudanças, pois elas de fato ocorreram, mas questionar o alcance das mesmas. Para Messner, as mudanças no estilo continuarão sem eficácia, no que tange às relações de poder, e além disso, para que se fale em uma alteração efetiva, não se pode desconsiderar a realidade dos comportamentos masculinos observados nos segmentos marginalizados⁴⁹.

Sabemos que, conforme se desce na escala social, mais os traços distintivos que a masculinidade proporciona se tornam valorizados em sua face mais tosca e opressiva. Argumenta-se que isto se deve a uma necessidade de compensar a falta de poder que os homens dos segmentos mais marginalizados sentem em quase todas as esferas da vida social. Dessa forma, o machismo serviria como compensação para o sentimento de inferioridade destes, inferiorizados tanto do ponto de vista econômico, quanto do ponto de vista cultural⁵⁰. Por outro lado, qualquer pretensão de refinamento comportamental nos homens deste segmento é imediatamente motivo para desqualificações e zombacias do grupo em que eles vivem, questionando-se, nestas atitudes, a "macheza" de quem busca se elevar, seguindo os padrões dos segmentos superiores. Nestes segmentos "todo refinamento em matéria de linguagem ou de vestuário (é) imediatamente percebido não somente como um sinal de aburguesamento, mas também, inseparavelmente, como o indício de disposições efeminadas"⁵¹.

Nestes casos a masculinidade se torna muito mais importante para aqueles que não têm outro meio de conquistar poder em outras esferas da vida social; restalhes o poder dentro das relações de gênero. Ser macho

⁴⁸ SEGAL, Lyne. *Changing Men: masculinities in context. Theory and Society*, vol. 22, nº. 5, October, 1993.

⁴⁹ MESSNER, Michael A.. Op. cit., p. 733.

⁵⁰ ZINN, Maxine Baca. Op. cit., p. 37.

⁵¹ BOURDIEU, Pierre. *Gostos de Classe e Estilos de Vida*. In: ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983 (Coleção grandes cientistas sociais).

torna-se aí, também, um caminho seguro para a aquisição de *status* quando outras possibilidades lhes são negadas.

Normalmente quando se fala no "novo homem" os autores que o aclamam referem-se a indivíduos de classe média que têm mais opções e *status* do que os de posição social menos privilegiada. Freqüentemente, são eles que dispõem de mais possibilidades e recursos e que não precisam recorrer a uma masculinidade mais restritiva para preservar suas posições de prestígio⁵². São homens que freqüentam divãs de psicanalistas (e fazem a festa dos vitimários apoiados na psicologização), que se dispõem a dividir as tarefas domésticas com suas esposas, principalmente quando estas também trabalham, que dividem também o cuidado com as crianças, enfim, que aceitam uma atitude mais igualitarista, já que não deixarão de ser valorizados por "igualarem-se" às mulheres.

Sem pesquisas sobre a masculinidade dos segmentos mais desfavorecidos, não se pode falar em algo como o "novo homem" ou o "novo pai", a não ser que se explicitem os limites deste tipo de postulação e se restrinja seu alcance, sem nunca generalizá-lo como novo tipo emergente. Enquanto isto não ocorre, é bastante provável que o "novo homem" não passe de uma auto-imagem idealizada dos autores que o aclamam. Algo assim como um *wishful thinking*.

Masculinidade, discurso e poder

Se tomássemos a masculinidade como um texto escrito a ser lido e interpretado poderíamos dizer que alguns autores, após a leitura, achariam interessante uma mudança na sintaxe deste texto, ou seja, uma correção das regras de colocação de pronomes, uma modificação de figuras de linguagens utilizadas etc.. Outros iriam criticar o próprio significado do texto e proporiam uma alteração semântica e não sintática. Os primeiros são os vitimários; os outros, os críticos de fato.

Centrar-se em conceitos psicologizantes ou então apoiar-se no legado funcionalista dos papéis sociais, namorando a vulgata marxista, só pode resultar em postulações frouxas e pouco eficazes do ponto de vista da possibilidade de alteração dos modelos de relações entre gêneros.

Não é à toa que movimentos como os *men's movements* de Bly sejam recebidos acriticamente por muitos desses autores aos quais impingimos a classificação de vitimários. Segundo Messner, estes movimentos não passam de estratégias para modernizar a masculinidade hegemônica sem fazê-la perder seu domínio,

⁵² ZINN, Maxine Baca. Op. cit., p. 38-39.

adaptando-a aos novos tempos. Em suas reuniões nas florestas americanas, onde tocam tambores e procuram reconectarem-se com a essência masculina, ou o “masculino profundo”, o que se vê é um grupo de homens “white middle class almost all very successful men” que não desafiam nada e apenas esperam, através da “reconexão com a energia de Zeus”, revalorizar a masculinidade em bases menos dolorosas para eles⁵³. Messner acredita que este tipo de movimento é uma resposta a uma série de mudanças na estrutura de sociabilidade, provocadas pelo avanço tecnológico conjugado com a mercantilização de todas as esferas da vida social, mas que não toca na questão precípua, ou seja, o poder masculino ainda vigente.

Em sua pesquisa de 1957, Helen Hacker já postulava a conexão da restrição comportamental às questões de poder⁵⁴. Ou seja, um comportamento mais inflexível, com um espectro de possibilidades mais restritivas e antes de tudo prescritivo é sem dúvida o mais adequado para a manutenção do poder masculino. Por terem que sustentar posições hegemônicas nas interações da dinâmica social é que os modelos prescritos de masculinidade são mais restritos. Ampliar o leque de opções poderia fazer com que se perdesse de vista a etiqueta do poder, o signo da distinção, que indica o poder da supremacia (Elias e Bourdieu que o digam). Assim como o rei deve pautar-se por um decoro maior em função de sua posição, o mesmo ocorre com os que estão no topo.

“Os homens continuam a se beneficiar da opressão das mulheres, mas, significativamente, nos últimos vinte anos a anuência das mulheres com a hegemonia masculina tem sido contrabalançada pela resistência feminista ativa. Os homens, como grupo, não são oprimidos pelas relações de gênero, mas alguns, certamente, sentem-se ameaçados pelo desafio feminista aos seus poderes e privilégios. Os homens também são afetados por este sistema de poder: somos, muitas vezes, emocionalmente limitados e comumente temos uma saúde mais precária e uma expectativa de vida menor do que as das mulheres. Mas estes problemas são, com mais precisão, vistos como ‘os custos de se estar no topo’⁵⁵.”

Esta feliz expressão retirada de um artigo de Kann (*The Costs of Being on Top*) revela algo jamais aventado na pena vitimária, ou seja, o fato de ter que se pagar um custo para se manter no topo e de que, às vezes, este custo pode ser muito alto. A impressão que se tem é que, ao não tocarem no significado da masculinidade mas apenas na sintaxe deste texto, os vitimários fazem coro com aqueles que querem desafogar-se dos “fardos da masculinidade”, sem abrir mão de seus privilégios.

⁵³ MESSNER, Michael A.. Op. cit., p. 728-731.

⁵⁴ CARRIGAN, Tim, CONNELL, Bob, LEE, John. Op. cit., p. 561.

⁵⁵ MESSNER, Michael A.. Op. cit., p. 730.

As mudanças rápidas e aceleradas na sociedade contemporânea irão exigir uma adaptação por parte dos homens às novas demandas e situações, mas, como observou Jablonski, “quem foi rei nunca perde a majestade” e se o fizer não cederá seu trono facilmente.

Pólo de análise nas relações de gênero, relacionada às questões de classe e raça, que a embalham mais ainda, a masculinidade é passível de múltiplas perspectivas de abordagem. Muitos são os aspectos a ela relacionados que exigem um enfoque analítico mais detido, dentre os quais podem ser citados: a construção e manutenção da hegemonia e manutenção das relações de poder, envolvimento dos segmentos subordinados nesta trama de domínio, relação com outros aspectos da vida social como, por exemplo, a violência urbana, demografia etc.. Discutir este novo campo do saber tem, no entanto, implicações que o transcendem, pois, como escreveu Foucault, “não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder”⁵⁶. Assim, o posicionamento dos diferentes autores explicitado na argumentação de seus textos, de acordo com a nossa visão, reflete antes um conflito, onde posturas comportamentais e projetos diferentes estão expressados nas entrelinhas dos discursos sobre a masculinidade. Captá-las e entender suas orientações e implicações constitui o nosso objetivo.

⁵⁶FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.



estudos históricos

é uma revista semestral
cujos números são dedicados
a temas específicos.

Os próximos números tratarão
de Arquivos pessoais e
Polícias.

SOLICITAÇÃO

ASSINATURA: R\$ 20,00

- ASSINATURA NOVA DE ESTUDOS HISTÓRICOS
- RENOVAÇÃO DE ASSINATURA (LIGUE DDG: (0800) 21 77 77)
- ALTERAÇÃO DE DADOS CADASTRAIS

OPÇÃO DE PAGAMENTO

- CHEQUE NOMINAL À FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
- DEPÓSITO BANCÁRIO NA CONTA Nº 112.715-2 DO BANCO DO BRASIL,
AGÊNCIA 0287-9 (ENVIAR CÓPIA DO COMPROVANTE À FGV)
- CARTÃO DE CRÉDITO
- VISA AMERICAN EXPRESS CREDICARD
- CARTÃO N° VALIDADE

NOME

CONTATO

ENDEREÇO

CEP CIDADE ESTADO

DDD TELEFONE FAX

DATA ASSINATURA